

A literatura-mundial e o sistema-mundial moderno

Lugarinho, Mário César; de Medeiros, Paulo; Rodrigues Dos Santos, Emanuelle

DOI:

[10.11606/va.i40.190936](https://doi.org/10.11606/va.i40.190936)

License:

Creative Commons: Attribution (CC BY)

Document Version

Publisher's PDF, also known as Version of record

Citation for published version (Harvard):

Lugarinho, MC, de Medeiros, P & Rodrigues Dos Santos, E 2021, 'A literatura-mundial e o sistema-mundial moderno', *Via Atlântica*, vol. 40, pp. 7-12. <https://doi.org/10.11606/va.i40.190936>

[Link to publication on Research at Birmingham portal](#)

General rights

Unless a licence is specified above, all rights (including copyright and moral rights) in this document are retained by the authors and/or the copyright holders. The express permission of the copyright holder must be obtained for any use of this material other than for purposes permitted by law.

- Users may freely distribute the URL that is used to identify this publication.
- Users may download and/or print one copy of the publication from the University of Birmingham research portal for the purpose of private study or non-commercial research.
- User may use extracts from the document in line with the concept of 'fair dealing' under the Copyright, Designs and Patents Act 1988 (?)
- Users may not further distribute the material nor use it for the purposes of commercial gain.

Where a licence is displayed above, please note the terms and conditions of the licence govern your use of this document.

When citing, please reference the published version.

Take down policy

While the University of Birmingham exercises care and attention in making items available there are rare occasions when an item has been uploaded in error or has been deemed to be commercially or otherwise sensitive.

If you believe that this is the case for this document, please contact UBIRA@lists.bham.ac.uk providing details and we will remove access to the work immediately and investigate.

A LITERATURA-MUNDIAL E O SISTEMA- MUNDIAL MODERNO

- EDITORIAL Nº 40 -

Atribui-se a Goethe tradicionalmente a cunhagem do termo *Weltliteratur*, conceito que tem vindo a ser desenvolvido e aplicado de maneiras múltiplas desde então e que representa hoje em dia – principalmente na sua versão inglesa, *World Literature* – um dos campos mais férteis e mais contestados dos estudos literários. Aliás, o próprio termo resiste a uma tradução simples, pois o seu significado é sutilmente alterado em várias línguas. Se inicialmente o termo já designava um desejo cosmopolita, ainda padecia naturalmente de uma visão tradicional e diretamente associada a noções românticas de gênio e do que deveria ser o cânone de grandes autores. Depois de ser usado principalmente para referir um grupo de grandes expoentes da literatura ocidental, com raras inclusões de outras culturas, o conceito de *World Literature* começou a ser explorado e debatido em vários contextos académicos e teóricos. Sarah Lawall,

Cristopher Prendergast, Pascale Casanova, Franco Moretti, David Damrosch, Emily Apter, entre outros, contribuíram vigorosamente para trazer à luz algumas das questões fundamentais sobre os estudos literários no presente.

Franco Moretti, em dois ensaios fundamentais, “Conjectures on World Literature” (2000) e “More Conjectures” (2003), publicados na *New Left Review*, assumiu uma posição distinta e com ramificações heurísticas para uma reconceituação, além do cânone tradicional, e com base no fundamento proporcionado pela teorização do Sistema-Mundial Moderno de Immanuel Wallerstein. Em 2015, com a publicação de *Combined and Uneven Development: Towards a New Theory of World-Literature*, a Warwick Research Collective (WReC) lançou as bases para se poder aplicar as sugestões de Moretti e a teoria de Wallerstein de modo sistemático e metódico numa perspectiva materialista. A definição de *World-Literature* sugerida pela WReC é simples: a literatura-mundial é a literatura do sistema capitalista moderno.

Uma das preocupações subjacentes à proposta da WReC centra-se nas relações entre centro e periferia e na necessidade de as pensar de modo diferente: não só recusando a primazia assumida pelo centro, como reconhecendo que a modernidade, tal como Fredric Jameson propõe, é singular. Esta teorização

da Literatura-Mundial – refletindo a designação de Wallerstein – entende-se como uma forma de teoria crítica oposta à hegemonia cultural, política, e económica do presente que se apropria de tudo e todos ao mesmo tempo que alastra e expande o manto da desigualdade.

O debate sobre o conceito de Literatura-Mundial necessita levar em conta realidades múltiplas. As várias literaturas de língua portuguesa, no seu ténue equilíbrio entre centro e periferia, constituem um campo privilegiado para se pensar a Literatura-Mundial. Não se trata de ver a Literatura Brasileira ou Portuguesa ou Angolana e todas as escritas em Língua Portuguesa, ou, tampouco, algumas obras mais reconhecidas, tal como “O Manifesto Antropofágico”, *Os Lusíadas*, ou *Luuanda* como figurando nas constantes antologias da Literatura Universal, Global ou Planetária, mas, sim, trata-se de pensar em como essas literaturas, ou “obras primas” contribuem para uma reconfiguração da Literatura-Mundial.

Deste modo numa tentativa de alargar este trabalho urgente de pensar a Literatura-Mundial, de modo teórico e sistemático, não só na sua viabilidade no contexto das Literaturas de Língua Portuguesa, como em relação com, e a partir de um contexto tido como periférico em geral, VIA ATLÂNTICA realizou o convite

para que pesquisadores refletissem acerca da “Literatura-Mundial e o Sistema-Mundial”.

O projeto foi ambicioso e custou-nos mais tempo do que o necessário para uma revista de publicação semestral, mas gerida por docentes envolvidos com projetos além da empresa editorial. O projeto incluía a publicação em português de ensaios cuja autoria é de pesquisadores internacionalmente identificados com o tema, ao lado de reflexões de outros pesquisadores que se dispunham a pensar e refletir acerca da proposta, alargando-a ou questionando-a.

Ainda com uma discussão tímida a respeito, temos, todavia, como clara a evidência de que o Brasil não chega com atraso ao debate. Após a publicação em 2020, pela editora da Unicamp, de *Desenvolvimento combinado e desigual – por uma nova teoria da literatura-mundial*, apresentado em resenha por Maria Elisa Cevasco, podemos dizer que a discussão chegou não com o sabor de novidade oriunda dos centros de produção de conhecimento do Velho Mundo, mas como uma provocação e um convite à nossa contribuição com originalidade e ousadia.

Convite e provocação aceitos, recebemos contribuições inestimáveis. A começar por quatro ensaios originais, inéditos em Língua Portuguesa, e um inédito de autores e pesquisadores do WReC. Contamos ainda com uma importante entrevista realizada com os pesquisadores do WReC. A esse importante con-

junto de reflexões juntaram-se outros pesquisadores que se dispuseram a pensar o lugar da literatura-mundial a partir de suas especialidades, desde Cabo Verde, a Costa do Marfim ou o Índico.

O convite permanece. Acreditamos que a Universidade Brasileira não pode se furtar a intervir nesse debate que vem dominando internacionalmente a Literatura Comparada e definindo rumos para o ensino, a pesquisa e a disseminação da Literatura. Apesar dos esforços atuais de descolonização de currículos, da América do Norte à Europa, parecerem não nos contemplar, é visível que, internamente, vivamos processo semelhante: o estudo e a compreensão da Literatura, em geral, e da Literatura Brasileira, em específico, sofrem transformações que convergem às discussões proporcionadas pelo tema da Literatura-Mundial. O crescente reconhecimento da Literatura Brasileira de autoria afro-descendente como eixo fundamental de sua constituição, ao lado do também reconhecimento de obras, autores e sistemas literários tradicionalmente não hegemônicos (por serem tratados como regionais ou, quando nacionais, não pertencentes ao famigerado cânone ocidental) são processos que dialogam diretamente com a proposta do WReC que, temos certeza, provocará debates e discussões entre nós, falantes e leitores da Língua Portuguesa, no Brasil e no Mundo.

Precisamos ainda destacar que este número de VIA ATLÂNTICA chegou ao público com certo atraso devido não apenas a problemas internos de gestão da revista, mas também pelo cuidado que procuramos ter com as traduções, sempre imperfeitas. Registramos, ainda, o agradecimento pelo apoio inestimável da **Agência de Gestão da Informação Acadêmica da Universidade de São Paulo - AGUIA** que, por meio de seus editais anuais, proporcionou-nos os meios para a conclusão deste projeto.

Emanuelle Rodrigues dos Santos –
University of Birmingham

Mário César Lugarinho –
Universidade de São Paulo

Paulo de Medeiros –
University of Warwick